



DA BUROCRACIA À CRIAÇÃO SOCIODRAMÁTICA EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS) III: RELATO DE EXPERIÊNCIA

RESUMO

A Reforma Psiquiátrica Brasileira deixou um legado e exemplo de “como fazer” no campo da saúde mental. No entanto, um dos maiores obstáculos dos CAPS é a centralização em si, com pouca abertura para o território, fazendo com o que na prática cotidiana este obstáculo se torne crônico. A dinâmica desenvolvida dentro dos CAPS são atividades grupais, realizadas a partir de Oficinas. Este aspecto aponta que um método que possibilita a estrutura e condução grupal, o sociodrama, o qual pretende desenvolver a criatividade e a espontaneidade de cada um dos indivíduos, fazendo com o que os padrões cristalizados sejam quebrados, estabelecendo uma nova ressignificação das relações. O objetivo geral do relato de experiência é discutir os desafios e as possibilidades vivenciados, por nove meses de estágio no Centro de Atenção Psicossocial em uma cidade do interior de São Paulo, e a potência do sociodrama como instrumento de condução. O Estágio de Psicologia Social, Saúde e Comunidade foi dividido em dois momentos: mapeamento e realização. A primeira etapa, o Mapeamento, foi realizado durante o primeiro semestre que constituiu na observação de oficinas no CAPS, para reconhecimento e entendimento real da dinâmica entre os profissionais, construção e objetivos, identificação dos enrijecimentos e desafios enfrentados. Depois deste mapeamento, foi proposto a condução de oficinas, utilizando-se a abordagem sociodramática. Os aspectos processuais para se realizar os encontros sociodramática se deu por etapas: aquecimento inespecífico, aquecimento específico, dramatização e compartilhamento. Com a utilização do sociodrama foi possível identificar a importância da realidade complementar no processo de cada indivíduo em que possibilitou que os protagonistas de cada cena pudessem explorar e desempenhar diferentes papéis de cenas que eles próprios traziam e criassem uma nova forma de lidar com as dificuldades subjetivas. Portanto, conclui-se que há uma herança manicomial impregnada no modo de operação dentro dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Ainda existem desafios e obstáculos nesse serviço tão novo conquistado em nossa sociedade, no entanto, existem possibilidades de um fazer diferente e produzir uma nova subjetividade. A partir do Estágio realizado foi possível viver o sociodrama como esta alternativa de condução de oficinas.

Palavras-chave: CAPS; Sociodrama; Saúde Mental.

1 INTRODUÇÃO

Grande nome da psicanálise argentina e da Reforma Psiquiátrica Brasileira, Antonio Lancetti, deixou um legado e exemplo de “como fazer” no campo da saúde mental (Emerich; Onocko-Campos, 2019), além de fundamentar criticamente sobre a maneira concebida do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). De acordo com Lancetti (2008), um dos maiores obstáculos dos CAPS é a da centralização em si, ou seja, pouca abertura para o território, fazendo com o que na prática cotidiana este obstáculo se torne crônico. Ademais, outro problema que os CAPS padecem, segundo o mesmo autor, é quando os profissionais selecionam

aqueles usuários capazes de se adaptar a sua própria especialidade, deixando o mais confortável possível o trabalho do profissional que olha para si e não para a demanda real do usuário.

Estes obstáculos não se deram a partir de uma criação do zero, mas sim dentro de um tecido social manicomial já cultuado pela sociedade (Saraceno, 2001). Segundo Saraceno (2001), outro grande nome da Saúde Mental globalmente, tais práticas não visam a liberdade de cidadania dentro do CAPS, reforçam a exclusão e confundem práticas terapêuticas com entretenimento, chamadas de “extramanicomial”. Os impasses dos CAPS, logo em seu nascimento, criaram-se uma “corrente tecnocrática e burocrática” (Lancetti, 2008, p.47), envelhecendo-os prematuramente, além disso, “segmentarizam-se sua vida tornando-a cinzenta, com profissionais regidos pelas dificuldades e se enclausurando em diversas formas de corporativismo” (Lancetti, 2008, p.47). Um CAPS burocrático é, segundo Lancetti (2008), um CAPS que cheira mal.

Em relação a dinâmica desenvolvida dentro dos CAPS, as Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas (os) no Centro de Atenção Psicossocial (2022), realizada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), evidenciam as atividades coletivas como os principais recursos terapêuticos para o desenvolvimento de habilidades “cognitivas, comunicacionais, relacionais e contratuais, instrumentalizando os sujeitos para o exercício da cidadania e reinserção social” (p.88). E, essas atividades grupais, podem ser realizadas a partir das próprias Oficinas – que são o carro chefe do trabalho realizado dentro do CAPS.

Este aspecto aponta que um método que possibilita a estrutura e condução grupal é o sociodrama, o qual pretende desenvolver a criatividade e a espontaneidade de cada um dos indivíduos, fazendo com o que os padrões cristalizados – chamado por Moreno de “conserva cultural”, sejam quebrados, estabelecendo uma nova ressignificação das relações (Cunha, 2010).

A justificativa para tal tema, acerca da criação sociodramática, é de justamente contar a tessitura de um estágio que teve seu começo seguindo as burocracias e terminou com a criação de uma oficina com esta abordagem. Sendo assim, evidenciando o que Mia Couto retrata em um de seus poemas: “pequenos gestos parteiros, que desencadeiam outras novas formas de se fazer”.

O objetivo geral do presente relato de experiência é mostrar os desafios e as possibilidades vivenciados, por nove meses de estágio no Centro de Atenção Psicossocial em uma cidade do interior de São Paulo, e a potência do sociodrama como instrumento de condução.

2 RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

O Estágio de Psicologia Social, Saúde e Comunidade, realizado durante o quarto ano do curso de Psicologia de um Centro Universitário do interior de São Paulo, no ano de 2024, foi dividido em dois momentos: mapeamento e realização.

A primeira etapa, o Mapeamento, foi realizado durante o primeiro semestre que constituiu na observação de duas oficinas no CAPS local. Durante esse período houve o reconhecimento e entendimento real da dinâmica entre os profissionais e construção dos objetivos das oficinas. Foi crucial para poder identificar os enrijecimentos e desafios enfrentados dentro do CAPS.

Depois deste mapeamento, foi proposto a condução de oficinas, já existentes, utilizando-se da abordagem sociodramática. Sendo assim, a etapa da Realização foi feita ao longo do segundo semestre, contabilizando dez encontros grupais. O grupo possuía uma composição diferente a cada encontro, inviabilizando a criação de um processo grupal coeso, no entanto, para aqueles usuários que estiveram em todos os encontros, houve uma manifestação catártica.

Os aspectos processuais para se realizar os encontros sociodramáticos (Nery; Costa; Conceição, 2006) se deu por etapas: aquecimento inespecífico, aquecimento específico, dramatização e compartilhamento. Esta estrutura foi seguida ao longo dos encontros, mas o conteúdo temático quem “ditava” era o grupo, isto é, havia a preparação de um tema a ser trabalhado, mas na hora era sentido o grupo e o caminho seguia para o que havia de mais latente, afinal, o grupo é um organismo vivo.

Exemplificando a abordagem, em um dos encontros foi realizada uma dinâmica sobre as relações existentes em nossas vidas. Iniciou-se com aquecimento inespecífico (uma brincadeira); aquecimento específico (fantasia guiada sobre as pessoas que mais convivem ou que mais as marcam) onde precisavam escutar o coração e pensar na primeira relação/pessoa que vinha, sem se esforçar em pensar racionalmente. Posteriormente houve a divisão de três subgrupos a partir de qual relação escolheram, podendo ser *vínculo de algodão* (gostoso), *vínculo bombril* (difícil) e *vínculo barbante* (meio terno) para discutirem entre si – assim todos teriam a chance de falarem. A dramatização foi realizada a partir de um porta voz de cada subgrupo, onde ele poderia contar uma cena comum entre os membros do grupo ou, se preferisse, a sua própria. A partir de cada uma das cenas vivenciadas, as técnicas estavam presentes, como a inversão de papéis, multiplicação dramática, cadeira vazia na realidade suplementar. Deixou-se as cenas do vínculo algodão por último para que pudesse acolher os outros. No compartilhar cada um pôde falar uma palavra - solilóquio, do que havia ficado a partir do vivenciado, aqueles usuários que não foram para a cena dramática se sentiram representados ou tocados, e os protagonistas se sentiram aliviados de terem um espaço para enfrentar e falar de forma diferente do que havia sido vivido anteriormente.

3 DISCUSSÃO

A primeira Etapa do Estágio, o mapeamento, foi marcado pela burocracia citada por Lancetti (2008) existente dentro da instituição, fazendo com o que a liberdade e espontaneidade ficasse em segundo plano. A partir das observações realizadas das oficinas foi possível identificar como ainda a criação de grupos servem de entretenimento, e não com objetivo terapêutico, evidenciado por Saraceno (2001) – prática extramanicomial. Ademais, as pessoas eram colocadas entre parentes e dando holofotes para os transtornos, como Basaglia (2005) retrata, sendo o ofício da psiquiatria vigente. Isto faz com o que se entende a pessoa como sinônimo de seu transtorno, como se não houvesse outros fenômenos da vida para poderem ser olhados, cuidados e acolhidos.

Com a utilização do sociodrama como instrumento de operação no campo grupal, foi possível identificar a importância da realidade suplementar no processo de cada indivíduo. A realidade suplementar é um ponto chave na teoria psicodramática, a qual se refere a um espaço “terapêutico criado durante uma sessão [...], no qual os participantes têm a oportunidade de explorar e experimentar papéis e situações de maneira segura” (Khoury, 2024, p.3), fazendo com o que aconteça uma ampliação da realidade, ou seja, um suplemento da realidade real da pessoa.

Ao longo dos encontros vivenciados no CAPS, como o exemplo no caso citado, a realidade suplementar possibilitou que os protagonistas de cada cena pudessem explorar e desempenhar diferentes papéis de cenas que eles próprios traziam, enfrentar alguns papéis como de pai e filho, e criar uma nova forma de lidar com as dificuldades emocionais. Os usuários recorriam a cenas e lembranças que dizem respeito a dinâmica familiar e social que todos os homens vivem, demonstrando que não é o transtorno mental sua fonte de preocupação, colocando assim, entes entre parentes para que pudesse olhar para o sujeito (Amarante, 2017).

4 CONCLUSÃO

Portanto, conclui-se que há uma herança manicomial impregnada no modo de operação dentro do herdeiro legítimo, que é o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Ainda existem

desafios e obstáculos nesse serviço tão novo conquistado em nossa sociedade, no entanto, existem possibilidades de um fazer diferente e produzir uma nova subjetividade. A partir do Estágio realizado foi possível viver o sociodrama como esta alternativa de condução de oficinas.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Teoria e crítica em saúde mental**. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2017.

BASAGLIA, Franco. **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Garamond universitária, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) no CAPS**. Centro de referência técnica em psicologia e políticas públicas – ed. ver. Brasília: CFP, 2022.

CUNHA, Mateus Nicolau Carneiro. **Os “loucos” do caps: o processo grupal psicodramático de um grupo de portadores de transtornos mentais**. 2010, 65f. (Monografia Pós-Graduação lato sensu do Convênio SOPSP). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

EMERICH, Bruno Ferrari; ONOCKO-CAMPOS, Rosana T (Org.). **SaúdeLoucura**. São Paulo: Hucitec, 2019.

KHOURI, Georges Salim. Realidade suplementar no psicodrama interno: contribuições para o manejo clínico. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 32, p. e0924, p. 1-12, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psicodrama/a/5dwrLmKQgsNMT7md3YMKjzx/?lang=pt&format=pdf>

LANCETTI, Antonio. **Clínica peripatética**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SARACENO, Benedetto. **Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível**. 2. ed. Rio de Janeiro: Te Corá/Instituto Franco Basaglia, 2001.